

Joan Pagès and Nereida Villagra (eds.), *Myths on the Margins of Homer: Prolegomena to the Mythographus Homericus*. Berlin/Boston, De Gruyter, 2022, 246 pp. [ISBN: 978-3-11-075115-4].

Os poemas homéricos constituem, desde a Antiguidade, uma fonte jorrante de informação, cujas repercussões envolvem vários domínios, do cultural ao literário, do arqueológico ao linguístico, do religioso ao patrimonial, entre outros. Não menos relevante é o conjunto de narrativas mitológicas que foram sendo transmitidas através dos tempos, recontadas repetidas vezes e moldadas em função das circunstâncias de cada época, a ponto de se terem tornado um autêntico repositório da nossa memória colectiva.

A *Iliáda* e a *Odisseia* foram largamente comentadas sobretudo durante o período medieval e bizantino. Escólios com anotações exegéticas em torno de muitos dos episódios homéricos complementam as narrativas celebradas, esclarecendo, por exemplo, determinadas alusões míticas ou oferecendo a explicação etiológica de algum nome. O conjunto de escólios dispersos, presentes em vários manuscritos e papiros, é designado por *Mythographus Homericus* (MH) e constitui um tesouro de relíquias de valor incalculável ainda por explorar. Embora a existência dos escólios dos poemas homéricos seja há muito conhecida, a edição e o estudo destes materiais mitográficos ainda exigem investimento. O presente volume é um passo de extrema importância não só para chamar a atenção para a necessidade e urgência destas tarefas, como também no sentido de dar maior visibilidade a esta área dos Estudos Clássicos.

A publicação tem o título sugestivo de *Mitos nas Margens de Homero*, que evidencia a dependência do grande poeta arcaico, ao mesmo tempo que aponta, paradoxalmente, para a sua independência. A matéria mítica antiga é aposta à autoridade de Homero, como outra criação que dele emana, mas sem deixar de ter, ainda assim, uma existência autónoma. Estes ‘pedaços’ de mitos anotados nos espaços marginais dos textos homéricos vêm complementar e enriquecer o nosso conhecimento dos poemas e do universo mitológico que veiculam. Poderíamos, por isso, dizer que tais mitos não assumem uma importância marginal nos estudos homéricos, antes uma marginalidade deveras importante. Aliás, como informam os dois editores na Introdução, Homero é o único poeta antigo sobre quem se produziu um tal *corpus* de comentários mitográficos, não havendo evidências concretas

a respeito de uma produção exegética semelhante para outros autores da Antiguidade (p. 10).

O encontro internacional *Mythographus Homericus 125 Years after Panzer: From Scholia to Papyri and to the Digital Era* reuniu um grupo de renomados especialistas sobre o MH na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, entre os dias 16 e 17 de Novembro de 2017. Com excepção do capítulo de Edmunds e do Posfácio assinado por Fowler, o presente volume publica os estudos apresentados e discutidos nesse encontro de Lisboa. No desejo expresso pelos editores, esta obra deve ser vista como um marco preparatório, que antecipa a tão aguardada edição do MH (p. 2), intenção essa que o subtítulo *Prolegomena to the Mythographus Homericus* deixa, desde logo, transparecer. O trabalho de edição do MH levanta naturalmente uma série de dificuldades, entre as quais se contam a autoria anónima, o estado fragmentário, as diferentes tipologias textuais (entre escólios e papiros) e os diferentes estágios de transmissão. Portanto, o MH não é senão uma colecção de fragmentos, que podem nunca ter existido como livro em termos sincrónicos (p. 8).

A indefinição do que é o MH bem como a sua natureza complexa suscitam precisamente perspectivas diversas, muitas até contrárias, entre os especialistas. É essa diversidade de opiniões que aqui se procura reflectir. Além da Introdução de Pagès e Villagra (pp. 1-13) e do Posfácio de Fowler (Afterword, pp. 217-225), o volume contém oito capítulos organizados em quatro partes temáticas. A Parte I é dedicada por inteiro ao contexto histórico e científico das origens do MH. Pàmias (pp. 17-27) centra-se no papel pioneiro de Johannes Panzer e na influência que o seu trabalho exerceu nos estudos que se lhe seguiram e que continua a exercer ainda na investigação hodierna. Dada a instabilidade da transmissão textual do *corpus*, Pàmias defende que a preparação da edição crítica do MH deverá ter em conta, antes de mais, os fundamentos teóricos lançados por Panzer há mais de um século.

Do contexto, na Parte I, passa-se para o texto propriamente dito, na Parte II. Montana e Montanari (pp. 31-56) discutem problemas referentes à transmissão medieval do MH, com ênfase na tradição textual dos escólios D e nos casos particulares do manuscrito Escorialense E⁴ e dos manuscritos pertencentes à família h. Partindo de uma série de questões sobre o carácter unitário do MH, da sua autoria, audiência e da (im)possibilidade de se reconstituir o arquétipo do MH, ficam patentes neste capítulo as sérias dificuldades subjacentes aos aspectos editoriais e textuais dos manuscritos da Idade Média, sujeitos a variação de diversa ordem, desde os reusos

culturais às características materiais. Pontani (pp. 57-71) dedica-se a alguns fragmentos do MH sobre a *Odisseia*. Para o efeito, analisa o papiro PSI 10, 1173, do século III, e o manuscrito Cambridge, Corpus Christi 81, de meados do século XV, propondo leituras comparadas entre os textos preservados em ambos os suportes. Na última parte deste capítulo, é considerada uma outra fonte, a tradução latina pelo humanista italiano Leôncio Pilato de alguns escólios da *Odisseia*, preservados no manuscrito Marc. gr. IX.29 – trata-se de um autógrafo produzido nos anos 60 do século XIV. Pontani estuda este manuscrito há mais de 15 anos e, graças ao minucioso trabalho de transcrição (da tradução e das notas marginais) levado a cabo por Valeria Mangraviti, é-lhe possível apresentar mais exemplos que mostram a utilidade do texto de Leôncio para a reconstrução dos fragmentos do MH.

Os dois capítulos que compõem a Parte III tomam o MH como uma obra mitográfica. Pagès (pp. 75-107) procura determinar o papel desempenhado pela etiologia no MH. Muitas das histórias míticas presentes nos escólios são explicações etiológicas relacionadas com palavras e nomes que surgem em Homero. Começando por relacionar *aetia* e mitos fundadores do ponto de vista mitográfico, Pagès selecciona para análise as seguintes histórias míticas dos escólios da *Ilíada*: Cila, Ténedo e Apolo Esminteu (*Il.* 1.38-39), Ceneu (*Il.* 1.264), Calicolone (*Il.* 20.53), Posídon Helicónio (*Il.* 20.403-404), Apolo Nómio (*Il.* 21.448) e Aquiles junto ao rio Esperqueio (23.144). “*Aetia* and foundation myths are related by the MH in the form of *historiae*”, e os exemplos analisados permitem mostrar os diferentes tipos de *aetia* que podem ser encontrados no *corpus* do MH, como fundações de cidades, santuários e rituais (pp. 101-102). Villagra (pp. 109-130), por sua vez, faz uma descrição panorâmica dos escólios da *Odisseia* presentes no MH e toma como estudo de caso a história de Melampo, cuja análise serve também para a discussão em torno do papel que o MH assume no âmbito das tradições mitográfica e literária. Melampo é o herói que consegue superar o desafio imposto por Neleu para dar a filha, a bela Pero, em casamento: conduzir o gado de Íficles de Fílace para Pilos. A história vem incluída no catálogo das mulheres, no episódio da *Nekya*, no canto 11 da *Odisseia*, a partir do verso 287. Villagra levanta hipóteses para procurar explicar as diferentes versões deste mito no MH, reconhecendo que qualquer tentativa de editar uma obra fragmentária e anónima encontrará obstáculos metodológicos (cf. p. 124).

A Parte IV coloca o MH em contexto, estabelecendo intertextualidades e paralelos no que ao estudo do mito diz respeito. Michels (pp. 133-156) discute as correspondências entre algumas histórias míticas do MH e da

Biblioteca de Apolodoro, um assunto que tem suscitado grande debate entre os críticos, sobretudo em questões de autenticidade e fiabilidade das versões. Smith (pp. 157-194) comenta e reavalia a tese de Alan Cameron (2004) sobre a existência hipotética de um *Mythographus Vergilianus*, que teria o MH como modelo. Com base na literatura exegética sobre Vergílio, Smith defende não haver evidências suficientes que possam comprovar a existência de tal obra, concluindo de forma categórica: “When we consider the evidence before us, neither Cameron’s overall proposal nor his specific arguments can be sustained” (p. 187). No último capítulo, Edmunds (pp. 195-213) trata do saque de Tróia por Hércules, examinando o contributo que o MH tem para o estudo deste mito. O ponto de partida para a análise é o escólio ao verso 20.145 da *Ilíada*, onde se refere a muralha do divino Hércules. A muralha, o monstro, o oráculo, os cavalos são tópicos presentes no escólio do MH, que entram igualmente na formação do mito, do folclore e da tradição épica em torno da figura de Hércules.

Por fim, no Afterword, Fowler toca vários aspectos que foram sendo abordados ao longo deste volume, começando por lembrar o trabalho seminal de Panzer na última década do século XIX e expressando um voto de confiança na edição anunciada: “we can be confident that the edition of Pagès and Villagra is forthcoming” (p. 217). Um conjunto de índices vem complementar e auxiliar a consulta desta publicação: *List of Tables and Figures* (p. VII), *List of Contributors* (pp. 227-229), *Index Nominorum et Rerum* (pp. 231-236) e *Index Locorum* (pp. 237-246). A coesão temática e estrutural é um dos méritos a destacar neste volume. Sob perspectivas diversas, ora discutindo aspectos contextuais, textuais e mitográficos, ora promovendo leituras comparadas com outras obras da tradição literária e mitográfica, cada um dos autores dos oito capítulos chama a atenção para os desafios de se editar o *corpus* volúvel, fragmentário e anónimo do MH. Lembrando as palavras de Smith, “the MH is an elusive text” (p. 187). Apesar das enormes dificuldades que o texto oferece, é com grande entusiasmo que se aguarda a edição do MH. Os contributos aqui reunidos, apresentados em jeito de *prolegomena*, são de utilidade inegável, proporcionando pistas e recomendações deveras oportunas para a realização de tal projecto editorial.

Rui Carlos Fonseca

rui.fonseca@staff.uma.pt

ORCID: 0000-0002-0016-0763

DOI: doi.org/10.34624/agora.v0i26.38173